

# NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

*uma permeabilidade de fronteiras*



Denize Elena Garcia da Silva  
(Organizadora)

EDITORA  
  
UnB

  
OFICINA EDITORIAL  
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),  
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),  
Jacob L. Mey (Odense University -  
Dinamarca), Maria Carmen Aires  
Gomes (UFV), Izabella dos Santos  
Martins Mendes (UFMG), Janaina  
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina  
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),  
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone  
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem  
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian  
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),  
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),  
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),  
Maria Francisca de Oliveira Santos  
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS  
DO DISCURSO:  
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA**

*Reitor*  
Lauro Morhy

*Vice-Reitor*  
Timothy Martin Mulholland



*Diretor*  
Alexandre Lima

*Conselho Editorial*  
*Presidente*  
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,  
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,  
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL  
Instituto de Letras - UnB

*Conselho Editorial*  
Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,  
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,  
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva  
*Organizadora*

NAS INSTÂNCIAS  
DO DISCURSO:  
uma permeabilidade de fronteiras



## **Equipe Editorial**

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem  
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

*Copyright* © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

## ***Impresso no Brasil***

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília  
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar  
70300-500 – Brasília-DF  
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611  
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
Central da Universidade de Brasília

---

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.  
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Lingüística textual.  
3. Sociolingüística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

---

*Ao meu Roberto e a cada Paulo  
da minha vida*





## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	11
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA</b> .....	19
<b>DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO</b> <i>Luiz Antônio Marcuschi</i> .....	21
<b>DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS</b> <i>Denize Elena Garcia da Silva</i> .....	37
<b>DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA</b> <i>Jacob L. Mey</i> .....	49

**PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63**

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE  
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

*Maria Carmen Aires Gomes* ..... 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM  
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À  
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

*Izabella dos Santos Martins Mendes* ..... 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA  
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO  
BRASILEIRO**

*Janaina Minelli de Oliveira* ..... 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E  
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO  
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA  
ATUALIDADE**

*Dina Maria Martins Ferreira* ..... 101

**A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”**

*Heloisa Marques Miguel* ..... 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA  
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

*Ivone Tavares de Lucena* ..... 125

<b>PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS</b> .....	135
<b>GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS</b>	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão</i> .....	137
<b>DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?</b>	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni</i> .....	145
<b>SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL</b>	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara</i> .....	155
<b>PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL</b> .....	167
<b>SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES</b>	
<i>Eline Alcântara dos Santos</i> .....	169
<b>OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES</b>	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos</i> .....	179
<b>ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA</b>	
<i>Cibele Brandão</i> .....	191
<b>COLABORADORES</b> .....	201



## AGRADECIMENTOS

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

## **Agradecimentos**

---

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

**PARTE II – DISCURSO E MÍDIA**





## **AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO BRASILEIRO**

*Janaína Minelli de Oliveira*

### **Introdução**

A investigação de fenômenos lingüísticos a partir da perspectiva da semiótica social implica mais que um ângulo conceitual. Tal perspectiva demonstra um posicionamento intelectual e ideológico (Halliday, 1993:3). No presente artigo, uma língua é concebida como uma rede potencial de significados e processos de significação. Textos são materializações de significados, resultados de opções feitas na esfera estrutural para representação de processos semânticos com objetivos sócio-retóricos. Cada uma das múltiplas formas de expressão que uma língua oferece vincula-se a um posicionamento político e ideológico, elaborado histórica, discursiva e socialmente. Linguagem e estrutura social estão intimamente relacionadas e ambas fazem parte do sistema social (Halliday, 1993:4).

O ângulo que ora se toma para a interpretação do fenômeno social é a Análise Crítica do Discurso, dialogando com a teoria de gêneros do discurso e com o campo da Comunicação Social. O objeto de análise é a informação científica, quando transmitida a públicos não especializados em ciência por meio de telejornais brasileiros. Em trabalho anterior, Oliveira (2001) descreve o gênero discursivo *informação científica transmitida*

*através do jornal televisivo brasileiro*<sup>1</sup>. O gênero é caracterizado, essencialmente, como um conjunto de eventos comunicativos televisivos que tem por objetivo sócio-retórico a reescrita de informação de natureza científica para uma comunidade de prática não especializada em ciência, no contexto semi-interativo da comunicação de massa. Oliveira lista traços opcionais do gênero, entre os quais informalidade, otimismo, celebração de descobertas e a repetição de idéias centrais ao longo da notícia.

Os eventos comunicativos desse gênero, textos midiáticos, são resultado de uma complexa rede de práticas discursivas de elaboração, recepção e distribuição textuais. Práticas discursivas relacionam-se com práticas sociais mais amplas (Fairclough, 2001: 35). A análise de textos, fundamentada pela compreensão das práticas discursivas que determinam sua circulação, permite que considerações sobre as práticas sociais com as quais tais textos colaboram não constituam meros comentários. Segundo Halliday (1994: XVI), toda análise deve ser fundamentada em uma gramática. Para o autor, a identificação de categorias funcionais deve amparar uma interpretação discursiva do fenômeno social. Entende-se aqui que tal interpretação não deve constituir um fim em si mesma, mas servir aos propósitos da análise crítica, que, segundo Fairclough (2001: 35), visa a:

[...] explorar sistematicamente relações freqüentemente opacas de causalidade e determinação entre (a) práticas discursivas, eventos e textos, e (b) estruturas sociais e culturais, relações e processos mais amplos; a investigar como essas práticas, eventos e textos surgem de relações e lutas de poder, sendo formados ideologicamente por estas, e explorar como a opacidade dessas relações entre o discurso e a sociedade é ela própria um fator que assegura o poder e a hegemonia.

A língua é uma rede potencial de processos de significação, e textos são o resultado de escolhas feitas nessa rede de opções por sujeitos ou grupos socioculturalmente localizados para atingir objetivos retóricos. Opções características de comunidades e que compartilham características retóricas e estruturais constituem gêneros discursivos, que colaboram com ações sociais específicas por estarem vinculados a práticas discursivas. Um outro ingrediente deve ser acrescentado ao trabalho do analista: a relação entre as esferas da linguagem e do social. Fairclough (2001:33) afirma ser "vital que a análise crítica do discurso explore esses dois lados do uso da linguagem, o que é formado socialmente e o que constitui socialmente". O analista crítico do discurso defende o posicionamento de que o "uso da linguagem é sempre

simultaneamente constitutivo de (i) identidades sociais, (ii) relações sociais e (iii) sistemas de conhecimento e crença – embora com graus diferentes de proeminência em casos diferentes” (Fairclough, 2001: 33).

A compreensão do gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro*, de sua tessitura discursiva e das ações sociais com as quais colabora, passa, necessariamente, pela compreensão do processo de interconstituição entre as esferas lingüística e social. O jornal televisivo é, simultaneamente, constituído socialmente, a partir dos anseios e das transformações culturais, e constituinte do social de crenças, valores e identidades. No presente artigo, pretende-se explicitar as ações sociais com as quais o gênero citado colabora, por meio da análise de traços de sua tessitura discursiva descritos por Oliveira (2001).

### **O gênero informação científica transmitida pelo jornal televisivo brasileiro**

O jornal televisivo é uma moldura estrutural e contextual de diversas classes de eventos comunicativos. Na atualidade, ele compete com outras janelas de engajamento<sup>2</sup>, como a Internet, o jornal impresso, revistas, etc. Para sobreviver, o jornal televisivo elabora estratégias retóricas que buscam subverter a impessoalidade da semi-interação. Uma delas é a escolha, no sistema interpessoal, do modo interrogativo, fazendo-se uma interpelação, no caso do jornal televisivo, a partir de um lugar que tanto o locutor como o interlocutor podem ocupar. Segundo a Gramática Funcional, ao falar, o falante adota um papel interacional e, ao fazê-lo, atribui ao ouvinte um papel complementar. “Por exemplo, ao fazer uma pergunta, o falante assume o papel daquele que procura por informação e pede ao ouvinte que assuma o papel daquele de quem provém a informação requerida” (Halliday, 1994: 68). Os trechos transcritos abaixo são parte do corpus da pesquisa de Oliveira (2001), já mencionado anteriormente. Ao fazer perguntas como as em negrito nos trechos seguintes, o jornalista atribui um papel diferente daquele de mero espectador da notícia a sua comunidade de prática:

A maçã com casca se mostrou mais eficiente ainda: bloqueou sessenta por cento das células cancerosas. **Quantas maçãs uma pessoa precisaria comer para obter o mesmo efeito?** Segundo a pesquisa, apenas uma.

Depois de dez anos de pesquisa, cientistas de seis países conseguiram mapear noventa e sete por cento do código genético.

É o esboço mais completo do que é o ser humano. O resultado vai mudar radicalmente o tratamento e a prevenção de doenças. **Mas como? Por que?** O código genético está lacrado dentro de nossas células [...]

A doutora Cathy Verbas utilizou o mesmo princípio da vacina contra a pólio: uma forma concentrada do vírus para destruir o próprio vírus. Mas isso já havia sido tentado antes contra a AIDS. **Por que funcionou desta vez?**

O jornalista não apenas age, informa, mas interage, ou seja, adota uma posição interacional, recorrendo à metafunção interpessoal da linguagem. Cria-se, dessa forma, o que Oliveira (2001) chamou de um tom informal, traço da tessitura discursiva do gênero, responsável pela diminuição da distância entre telespectador e jornalista, que cria uma certa intimidade ao simular uma situação de co-presença. Esta visa minimizar a impessoalidade da experiência semi-interativa, subvertendo-a discursivamente. O jogo de papéis proposto pelo jornalista é, pois, uma simulação. O deslocamento espaço-temporal entre os momentos da elaboração da notícia e de seu consumo produz um fluxo comunicativo monológico. Os próprios jornalistas respondem às perguntas que fazem. As perguntas transcritas acima são retóricas. O jornalista simula que seu interlocutor seja o telespectador, quando ele próprio responde às perguntas. Apesar disso, o jogo proposto subverte, ainda que por segundos, a fragmentação da semi-interação e simula uma situação de co-presença íntima entre o jornalista e sua audiência.

Um outro traço da tessitura discursiva do gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro* é a celebração da descoberta (Oliveira, 2001). Pagano (1998) analisa o processo por meio do qual sucessivas reescritas do conteúdo informacional de uma descoberta científica operam para conferir progressiva legitimação e reconhecimento dos resultados anunciados. A autora apóia-se nos estudos do discurso científico realizados por Myers (1990a, 1990b, 1991, 1994), nos quais o pesquisador demonstra que a caracterização do trabalho do cientista como uma descoberta não é resultado direto da formulação de seu trabalho, mas fruto do processo de divulgação do mesmo por meio de sucessivas rescritas. Entre tais rescritas, aquelas operadas por gêneros de divulgação científica a públicos não especializados em ciência têm, segundo Pagano, papel significativo. Elas operam o que se poderia chamar de “marketing da ciência”.

Geralmente o cientista apresenta seu trabalho em um congresso ou o publica em um periódico especializado. Segundo Myers, no entanto,

são as reformulações que este texto inicial sofre que podem vir a caracterizar a pesquisa como uma descoberta e, por conseguinte, passar a ser celebrada como “divisor de águas” (Pagano, 1998). Uma possível leitura das pesquisas realizadas por Myers (1990a, 1990b, 1991, 1994) e Pagano (1998) é que o reconhecimento do *status* de “cientificidade” de um trabalho, do *status* de um pesquisador como um “cientista” e de resultados de pesquisa como uma “descoberta” por públicos não acadêmicos, ou seja, não especializados em ciência, passa – talvez não exclusivamente, mas principalmente – por critérios de seleção de assuntos para divulgação dos meios de comunicação de massa.

O *corpus* de pesquisa de Oliveira (2001) é composto por 33 notícias, as quais, em sua quase totalidade, divulgam assuntos que podem ser relacionados às áreas biomédicas. Nenhuma das notícias divulga estudos da área das ciências humanas, ou ciências exatas, ou artes. Se o reconhecimento do *status* de cientificidade do trabalho de um pesquisador por públicos não especializados em ciência passa por critérios de seleção de assuntos das comunidades de prática dos meios de comunicação de massa, então pode-se dizer que o gênero ora discutido colabora para o reconhecimento dos pesquisadores das áreas biomédicas como cientistas e de seu trabalho como ciência. Pesquisadores das demais áreas de produção científica ficam excluídos desse processo de formulação midiática da identidade do cientista.

A análise do método de desenvolvimento temático das notícias que constituem o *corpus* de pesquisa ora discutido pode confirmar o traço discursivo do gênero da celebração da descoberta, bem como as implicações expostas acima. Na Gramática Funcional, o sistema tema/rema pertence à metafunção textual da linguagem. É ele que organiza a oração, demonstrando seu contexto local de interpretação em relação ao contexto geral do texto. Em inglês, português e várias outras línguas, o tema tem posição inicial na frase e tudo que o segue é chamado de rema (Halliday, 1994:37). O tema pode ser examinado a partir das três metafunções da linguagem — textual, interpessoal e ideacional —, sendo esta última o único estágio obrigatório em sua estrutura. Quando coincidem com o sujeito, com base na estrutura padrão SVO, os temas são chamados não-marcados, e quando não coincidem com o sujeito, marcados<sup>3</sup>. A escolha de um tema para uma dada oração se relaciona com a distribuição de informação textual, que pode enfatizar ou minimizar sentidos dependendo do modo como são estruturados. A progressão de temas no desenrolar de um texto é considerada seu método de desenvolvimento temático (Martin, 1997:22).

Segundo Martin (1997:26), “o princípio temático da organização de um texto pode ser visto como operando em unidades maiores que o

de uma única oração". O argumento ora defendido é que é possível pensar em blocos iniciais de informação como temas a partir dos quais o restante das informações transmitidas deva ser interpretado. Considerando cada notícia do *corpus* de Oliveira (2001) um texto, é possível identificar temas para as notícias. Para identificá-los, foram usados como critérios limítrofes entre o tema e o rema (i) a mudança de falantes, (ii) o fim do anúncio da descoberta e início de explicações ou entrevistas relacionadas à notícia e (iii) mudanças no sistema semiótico visual, demarcando uma fase inicial e uma complementar na notícia.

O tema da notícia ganha proeminência ao ser anunciado em posição inicial. Ele é geralmente apresentado pelo jornalista-âncora do jornal nos estúdios de gravação da emissora, com variações no tom da voz e expressões faciais que ressaltam sua importância. É possível perceber que, com exceção de uma única notícia do *corpus*, todas as demais anunciam a descoberta na primeira fase da notícia, ou seja, em seu tema. No rema, são entrevistados cientistas, pessoas não especializadas em ciência, são dadas informações sobre a metodologia de pesquisa, sobre a trajetória dos pesquisadores, etc.

Considera-se aqui que o gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro* é resultado de processos de rescrita de textos científicos. A forma de exposição de resultados de pesquisa em textos científicos, característicos da comunidade acadêmica, tais como o artigo científico, será aqui considerada não-marcada. Em relação a estes, a distribuição do conteúdo semântico da notícia sobre ciência em jornais televisivos pode ser considerada "marcada". Ao rescrever artigos científicos, nos quais uma revisão teórica e a descrição de objetivos e métodos de pesquisa vêm em primeiro lugar, o gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro* enfatiza, em posição inicial, os resultados dos pesquisadores. Ao fazê-lo, a rescrita de gêneros acadêmicos tematiza os resultados, colocando-os em proeminência ao anunciá-los em posição inicial. Vejamos alguns temas transcritos do *corpus* de Oliveira (2001):

As mais recentes descobertas mundiais sobre o câncer foram discutidas hoje num congresso em São Paulo: medicamentos poderosos capazes de combater o câncer de mama, próstata e pulmão, e, em alguns casos, evitar a doença. Uma das novidades mais animadoras é uma droga extraída de uma árvore europeia.

Uma fruta consumida há milhares de anos no planeta está sendo indicada pela Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, como um remédio contra o câncer.

Boa Noite. 'O homem entrou hoje num lugar que só Deus conhecia'. A frase é de Francis Colin, o representante do governo americano na comissão encarregada de decifrar o mapa genético dos seres humanos. O resultado desse trabalho foi anunciado hoje nos Estados Unidos e na Europa e é um sucesso.

Cientistas americanos que pesquisaram a relação entre os alimentos e a saúde da pele descobriram que uma dieta pobre em açúcar e rica em proteínas é bastante eficaz contra as rugas.

Pesquisadores comprovaram que depois de 40, depois dos quarenta, os homens que não cuidaram da alimentação na juventude aumentam as chances de ter um ataque cardíaco.

Cientistas da NASA encontraram pela primeira vez evidências de que existe água em estado líquido na superfície de Marte.

Artigos e gêneros acadêmicos são elaborados segundo regras estabelecidas e transformadas histórica e discursivamente pela comunidade acadêmica. Recorrendo aos estudos de Ard (1983), Swales (1993:110) afirma que a forma embrionária do artigo acadêmico surgiu com o estabelecimento do primeiro periódico científico, *The Philosophical Transactions of the Royal Society*, em 1665. Tal forma embrionária teria sua origem nas cartas trocadas entre cientistas, nas quais mantinham-se informados sobre os resultados alcançados. Swales cita e discute vários autores que tentam descrever a macroestrutura do artigo acadêmico, como Stanley (1984), que propõe a estrutura problema-solução; Bruce (1983), que defende a estrutura Introdução-Métodos-Resultado-Discussão; e Hutchins (1977), que oferece uma modificação para a estrutura do artigo acadêmico proposta por Kinneavy, Dogma-Dissonância-Crise-Pesquisa-Novo-Modelo (Swales, 1993: 133). Para Swales, a elaboração de um artigo acadêmico é uma atividade complexa, mesmo para membros especialistas da comunidade acadêmica. Procurando descrever a estrutura recorrente em artigos acadêmicos e reconhecendo que tal estrutura varia nas diversas áreas de conhecimento, o autor propõe um modelo que busca caracterizar os movimentos discursivos em introduções de artigos acadêmicos. Segundo Swales, introduções de artigos acadêmicos são caracterizadas pela "necessidade de restabelecer aos olhos da comunidade discursiva a importância do campo de estudo; a necessidade de 'situar' a pesquisa apresentada em termos dessa importância; e a necessidade de mostrar como esse nicho no ecossistema será ocupado e defendido." (Swales, 1993: 141).

A pesquisa de Swales permite observar que gêneros acadêmicos, antes de proceder à exposição de descobertas, diplomática e estrategicamente, filiam-se a campos e linhas de pesquisa, situam-se nelas, para, somente então, ocupar seu próprio espaço e apresentar seus resultados. Como já foi dito, essa metodologia de exposição de resultados de pesquisa é considerada não-marcada. Como também exposto anteriormente, o gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro* tematiza resultados, enunciando-os em primeiro lugar. Tal metodologia de enunciação é também estrategicamente elaborada e é aqui considerada marcada.

É interessante ampliar a análise exposta acima, que examina a estrutura temática da mensagem, contemplando a estrutura informacional, isto é, a distribuição de informação dada e nova no texto. Halliday (1994:299) explica que existe um forte relacionamento semântico entre essas duas formas de estruturação da mensagem. O tema é o que o sujeito ou falante escolhe colocar em evidência, situando-o em posição inicial, enquanto a informação tida como dada é aquilo que o falante já sabe, ou tem acessível para a interpretação da mensagem. Apesar de o sistema tema/rema estar relacionado àquilo que o falante considera seu foco e o sistema de informação dada/nova, ao que o ouvinte já sabe, a seleção de ambos é realizada pelo falante. É ele quem escolhe, no eixo parassintagmático, ou seja, na rede de potencialidades que a língua lhe oferece, que combinações deseja realizar.

Toda escolha é significativa. A forma não-marcada de estruturação da mensagem, de acordo com a Gramática Funcional, seria a combinação do tema com informação tida como dada e do rema com informação nova. Segundo Halliday, no entanto, a escolha de um padrão marcado, que combine o tema com informação nova, pode ser significativa em termos retóricos. Nas palavras do autor, "em um dado cenário ou conjunto de condições contextuais, o falante pode explorar o potencial que a situação define, usando a estrutura temática e a de informação para produzir uma espantosa variedade de efeitos retóricos" (Halliday, 1994: 300).

É preciso ressaltar que a informação tida como dada é selecionada pelo falante. Ele pode, portanto, em função de seus propósitos retóricos, preferir justapor ao tema informação que é nova para seu ouvinte. Ao tematizar resultados de pesquisas científicas, o gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro* localiza informação nova em posição inicial. O efeito retórico é, em sua essência, uma operação semântica: resultados de pesquisas são, pelo jornal televisivo, anunciados como descobertas.

É possível dizer que um dos objetivos retóricos de artigos acadêmicos seja a inserção de um pesquisador, ou antes, de seu trabalho, em



um campo de conhecimento, o estabelecimento de um nicho, como coloca Swales (1993). A combinação da estrutura temática e da informação, nesse gênero, é não-marcada. A informação tida como dada, ou seja, a revisão teórica representativa do conhecimento produzido em um dado campo, coincide com a posição inicial no texto, sendo aqui considerada seu tema. Já o gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo*, cujo objetivo retórico é a transmissão de informação de natureza científica a uma comunidade de prática não especializada em ciência, localiza informação nova, descobertas científicas, em posição inicial na notícia. O efeito que essa prática discursiva pretende produzir é a sedução da audiência pelo novo, pelo que discursivamente ganha relevância ao ser anunciado da forma como descrita acima. Uma consequência desse processo é a construção da identidade do cientista, entendido pelo jornal televisivo brasileiro como o pesquisador das áreas biomédicas – essa foi a área que gerou a quase totalidade das notícias sobre ciência – e de seus resultados de pesquisa como descobertas.

## Conclusão

O gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro* faz parte da estratégia de sobrevivência discursiva do jornal televisivo. Enquanto elabora o *status* do cientista e da ciência, o jornal elabora seu próprio *status*. Paralelamente, notícias curtas, que simulam situações dialógicas e anunciam descobertas úteis tornam o jornal competitivo entre as várias janelas de engajamento disponíveis na atualidade e subvertem a impessoalidade da semi-interação. O gênero opera, simultaneamente, no sentido de preservar o *status* de fonte confiável de informação e de aproximá-lo do discurso do entretenimento. Essas são ações sociais com as quais as práticas discursivas do gênero ora discutido colaboram.

Uma outra importante ação social do gênero é a construção sociodiscursiva da identidade do cientista, da ciência e da descoberta. O gênero associa a identidade do cientista aos pesquisadores das áreas Biomédicas e o status de cientificidade a essa área de conhecimento. Áreas de conhecimento que não são selecionadas para enunciação midiática não têm seus pesquisadores anunciados como cientistas nem seu trabalho celebrado como descoberta. Como afirma Fairclough, é preciso atentar para o fato de que “o uso da linguagem é sempre constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença” (Fairclough, 2001:33).

As ações sociais acima descritas são alcançadas discursivamente por meio da elaboração das notícias. Considerando-se cada uma delas

um texto, pode-se perceber que os resultados de pesquisadores são anunciados em posição inicial, ou seja, são tematizados. Tal distribuição do conteúdo semântico da notícia sobre ciência em jornais televisivos pode ser considerada "marcada". O anúncio de informação nova, resultados de pesquisas científicas, em posição inicial, tem efeitos retóricos tais como a sedução da audiência pelo novo e enunciação de resultados de pesquisa como descobertas. Estes efeitos retóricos contribuem com as ações sociais acima explicitadas.

A não seleção de informações produzidas na área de ciências humanas, ciências exatas e artes, por exemplo, parece revelar que o conhecimento produzido nessa área não serve a ao menos dois dos propósitos da mídia, a saber, reafirmação de seu próprio *status* e sobrevivência e competitividade discursiva de seus gêneros. Informações como as ora apresentadas, que questionam a ação da mídia como gerada por/geradora de estereótipos não são selecionadas como descobertas a serem celebradas. A língua, vale lembrar, é uma rede potencial de modos de significação. Cada uma das opções que se faz nessa rede vincula o falante e/ou sua comunidade de prática a um posicionamento político-ideológico. A comunidade de prática produtora do jornal televisivo brasileiro faz opções política, econômica, cultural e discursivamente localizadas. O analista crítico do discurso as revela.

## Notas

<sup>1</sup> O *corpus* que ampara as reflexões ora traçadas é composto por gravações feitas em junho, julho e agosto de 2000 dos jornais Jornal da Globo e Jornal Nacional, da emissora Globo de televisão, Jornal da Bandeirantes e Jornal da Noite, da rede Bandeirantes de televisão, e o Jornal da Cultura, transmitido pela TV Minas. As notícias foram coletadas para a pesquisa da dissertação de mestrado "O Gênero Informação Científica Transmitida Através do Jornal Televisivo Brasileiro", defendida pela autora do artigo em maio de 2001, na UFMG.

<sup>2</sup> SCOLLON (1998:249) define janelas de engajamento, "sites of engagement" na nomenclatura do autor, como "janelas construídas pela prática social por meio das quais os textos se tornam disponíveis para sua apropriação." Tais janelas são oportunidades de interação com discursos variados. A vida em ambientes urbanos é caracterizada pela exposição a diversas janelas de engajamento de forma simultânea, o que habitua as pessoas à atenção polifocal (Oliveira, 2001:90).

<sup>3</sup> O caráter marcado, não-marcado tem sua especificidade em cada língua, sendo possível que um elemento que em uma língua é marcado, em outra, não o seja. Os exemplos analisados em português, pertencentes ao *corpus* ora discutido, aceitavam as hipótese hallideanas.

## Referências bibliográficas

FAIRCLOUGH, Norman. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. *In*: MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

HALLIDAY, Mark. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Mark & HASAN, Ruqaiya. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. London: Deakin University, 1993.

MAGALHÃES, Célia Maria. *A análise crítica do discurso enquanto teoria e método de estudo*. *In*: MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MARTIN *et al.* *Working with functional grammar*. London: Arnold, 1997.

MYERS, Greg. Lexical cohesion and specialized knowledge in science and popular science texts. *Discourse Processes*, Lancaster, v.14, n. 1, 1-26, January, 1991.

OLIVEIRA, Janaína Minelli. *O gênero informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

PAGANO, Adriana Silvina. *Genes, ovelhas e discos compactos: alguns aspectos de reescritas de descobertas científicas*. *In*: MACHADO, L., CRUZ, A.R. & LYZARDO-DIAS, D. *Teorias e práticas discursivas: estudos em Análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso da Fale-UFMG, 1998. p. 55-70.

SCOLLON, Ron. *Mediated discourse as social interaction: a study of news discourse*. London/New York: Longman, 1998. p. 3-24, 249-266.

SWALES, John Malcolm. *Genre analysis: english in academic and research settings*. 3rd.print. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 77-82, 181-203.



## COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão  
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)  
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão  
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula  
da Universidade de Brasília – UnB  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva  
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula  
da Universidade de Brasília – UnB  
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma  
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira  
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade  
Presbiteriana Mackenzie (SP)  
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

## **Colaboradores**

---

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE









Dupligráfica Editora  
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF  
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924  
e-mail: dupligráfica@terra.com.br





**OUTROS LANÇAMENTOS DA  
EDITORA UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA**

**Minhas cartas e as dos outros**

(volumes 1 e 2)

*Carlos Lacerda*

**A crise do modelo francês**

*Denis Rolland*

**Agrotóxicos: mutações, câncer &  
reprodução**

*Cesar Koppe Grisolia*

**Introdução à cinemática relativística**

*José de Lima Acioli*

**Novos estudos sobre línguas indígenas**

*Aryon Dall'Igna Rodrigues*

*Ana Suelly Arruda Câmara Cabral*

**Simmel e a modernidade**

(2.<sup>a</sup> edição)

*Jessé Souza e Berthold Öelze*

*(Organizadores)*

**A pós-graduação no Brasil: formação  
e trabalho de**

**mestres e doutores no país**

(volume 1 - 2.<sup>a</sup> edição)

*Jacques Velloso (Organizador)*

**Psicologia e conhecimento: subsídios  
da psicologia do desenvolvimento  
para a análise de ensinar e aprender**

*Maria Helena Fávero*

**Itinerários de Barbara Freitag**

*Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloisa*

*Bicalho de Sousa e Maria Francisca*

*Pinheiro Coelho (Organizadores)*

**N**as instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368